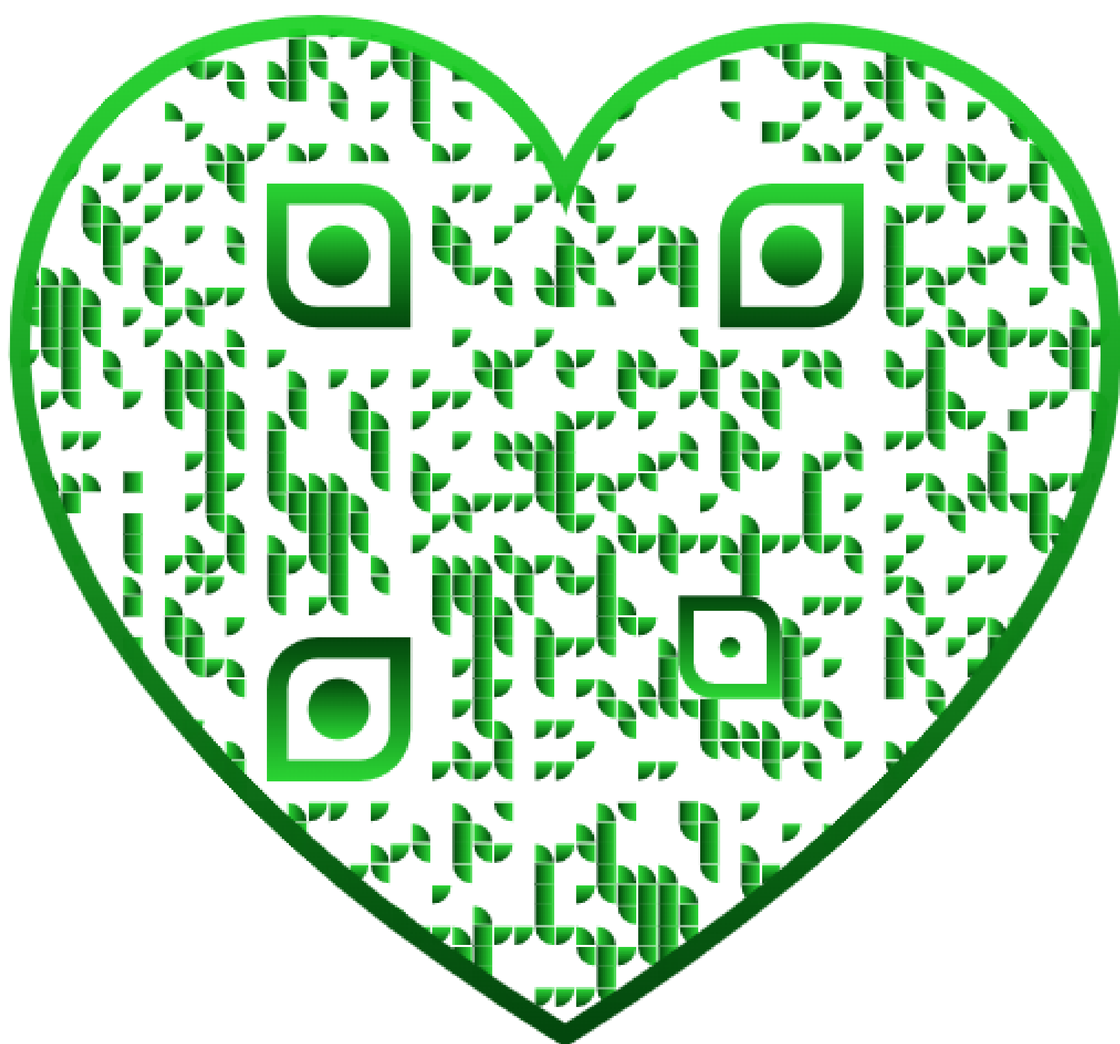
SILVANA BARBOSA

Eu Fico com Ela

UM CONTO DA SÉRIE LIBERTINOS



Eu Fico Com Ela

Silvana Barbosa

Capa: Néli Rúbia

Revisão: João Carlos Ferreira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com datas, fatos reais, pessoas vivas ou mortas, terá sido mera coincidência.

Este livro é protegido por direitos autorais, sua reprodução ou cópia só poderá ser feita mediante autorização expressa da autora.

Eu Fico Com Ela

Um Conto de Ano Novo da Série Libertinos



A loja não ficava na rua mais movimentada de Londres, nem em uma área que pudesse ser considerada como mais bem frequentada. No entanto o estabelecimento de *Monsieur* Antoine era o lugar da moda atualmente. Uma clientela rica e bastante variada, composta de aristocratas, membros respeitáveis da Sociedade, artistas e estrangeiros benquistos nas Altas Rodas atravessavam a porta de madeira e vidro todos os dias.

Assim como o senhor Matthew Fallentin, que viera buscar sua encomenda especial.

Matthew era engenheiro. Tal qual o pai. E o pai do pai dele. Seu bisavô caíra nas graças do rei Jorge III, recebendo o título honorífico de *Sir* por serviços prestados à corte e ao Reino. Pronto, fora o bastante. Os Fallentin haviam garantido seu lugar ao Sol, alcançando *status* de frequentadores da casa real. Anos depois foi a vez do avô de Matthew se destacar, ao projetar um grandioso e requintado hotel londrino, que não demorou muito a espalhar filiais em outras cidades do Reino Unido. A rede Maxwild consolidou uma parceria bem-sucedida entre os Fallentin e os Monroe, garantindo laços fortes e inquebrantáveis de amizade e lealdade, além de sucesso absoluto em suas finanças.

Possuíam mais dinheiro que muitos nobres emproados espalhados pela Inglaterra.

E na época de final de ano, quando todos se preparavam para as festas natalinas, gastar muitas libras em artigos luxuosos e exóticos no Antoine’s era naturalmente uma fonte a mais de prazer para o mais jovem herdeiro do legado Fallentin.

Os outros prazeres de Matthew não poderiam ser obtidos numa loja.

Ele era um libertino, que garantia a perpetuidade de sua libidinagem através de jogos, farras e troca constante de parceiras.

E no momento queria apenas pegar suas luvas novas.

De couro macio, e com forro de pelica e lã para isolar o frio. Ideais para o inverno, e elegantes o suficiente para um cavaleiro sempre interessado em impressionar às damas. Junto com elas pedira um cachecol do catálogo francês de *Monsieur.*

— Boa tarde, senhor Fallentin. Aqui está sua encomenda. Deseja mais alguma coisa? — O vendedor que habitualmente o atendia colocou uma caixa

sobre o balcão de madeira polida.

— Só isto. Obrigado.

O funcionário pegou o papel de embrulho, para embalar a compra que já havia sido paga antecipadamente.

Normalmente Matthew aguardaria que o vendedor embrulhasse o produto e somente em casa conferiria o que comprara, mas por alguma razão teve vontade de abrir a caixa que tinha as iniciais MF riscadas de forma apressada na parte superior.

— Um minuto, Sullivan.

Levantou a tampa, observando seu conteúdo.

— Uôoooo...

Sullivan, o vendedor, espichou o pescoço para ver o que havia feito um de seus melhores clientes erguer as sobrancelhas até quase alcançarem o topo da cabeça.

E repetiu o estranho som que o senhor Fallentin produzira.

— Uôoooo... Acho que houve um erro aqui, meu senhor. — Sullivan pigarreou, fazendo menção de puxar a caixa e tornar a fechá-la.

Matthew foi mais rápido e tirou de seu interior o que lhe havia chamado atenção à primeira vista.

Ergueu as luvas vermelhas, delicadas e longas, confeccionadas para seguir a linha do braço feminino até o cotovelo. Colocou as instigantes peças de lado, enquanto apanhava outro objeto contido na caixa.

Era uma peça íntima, curtíssima, muito sensual e provocativa, de seda, com laços e renda vermelha.

Os dois homens deixaram escapar um pequeno suspiro, e entreolharam-se rapidamente. Depois que o engenheiro pôs mais aquele item de lado, sobre o balcão, ambos voltaram-se, curiosos, para o que agora parecia tomar a forma de um baú de tesouros.

Uma camisola, também vermelha, transparente, num tecido que Fallentin não conhecia, acariciou-lhe os dedos.

Gostaria de acariciar a dona de tais preciosidades.

Principalmente enquanto ela as estivesse usando.

E logo depois, arrancar cada uma das delicadas pecinhas, desnudando a misteriosa senhora de tão eróticos artefatos.

E depois... Bem, depois Matt usaria seus conhecimentos para fazer a mulher vibrar em seus braços, e exigiria que fossem mostrados os dela.

Certamente a dama que usava coisas como aquelas devia ter muito a mostrar, muito a ensinar, muito a dar, muito a...

— Ainda tem algo na caixa.

Sullivan havia interrompido seus pensamentos, olhando fixo para o fundo da caixa.

— O que? Deixe-me ver.

Havia mais uma coisa. Outro par de luvas. Estas para inverno, discretas e elegantes, num tom de vinho, simples e fechado, e com pelo de arminho aparente. Algo que poderia ser usado em público sem constrangimento.

Matthew colocou todos os intrigantes itens de volta ao seu lugar de origem. E, junto com Sullivan, continuou olhando por alguns minutos para o conteúdo da embalagem trocada, em silêncio reflexivo.

Ambos se moveram ao mesmo tempo, cada um puxando para si a caixa colocada sobre o balcão entre eles.

Ergueram os olhos, encarando-se.

— Como disse antes, senhor Fallentin, houve um erro aqui. Providenciarei a troca imediata das caixas.

— Então pegue a minha caixa primeiro.

Sullivan não discutiu. *O cliente sempre tinha a razão. Principalmente os ricos.* Afastou-se, para procurar a caixa certa do senhor Matthew Fallentin.

Matthew, por sua vez, ainda não estava disposto a abrir mão da caixa que havia lhe despertado uma curiosidade tão grande. Observou-a e revirou-a outra vez, tentando encontrar nela algum indício da identidade da pessoa que a encomendara.

Sullivan voltou de mãos vazias. Parecia constrangido. Junto com ele vinha o próprio dono da loja.

Monsieur Antoine fez uma pequena mesura diante de Matt e pigarreou antes de explicar-se, com seu sotaque francês marcando as palavras:

— Perdoe-me, senhor Fallentin. Não sei como lhe dizer isto, pois nunca nos aconteceu antes... Sua encomenda não está aqui. Suponho que...

Um tênue sorriso surgiu na face de Matthew.

— A dona desta caixa levou a minha, por engano?

— Acredito que sim. Lamento muitíssimo. Enviarei um funcionário até a residência da senhora que levou sua caixa e faremos a troca. No entanto, infelizmente, não poderei prometer-lhe a entrega até o final do ano. Estou sem entregador esta semana. E como o senhor pode ver, estamos com falta de pessoal. O frio inclemente adoeceu metade da equipe, e forçar os enfermos a

trabalhar só me traria mais problemas, pois seus espirros acabariam por derrubar os que ainda estão de pé.

Matt tamborilou os dedos sobre a caixa, agora fechada, no balcão.

— Compreendo.

Antoine colocou as mãos nas laterais da caixa, enquanto Matthew espalmou as dele na parte de cima.

— Senhor Fallentin... — O proprietário da loja começou a falar.

— Eu fico com ela.

A resposta de Matthew foi tão rápida que mesmo ele se surpreendeu.

— Não posso permitir, senhor Fallentin. Devo entregar a caixa à sua legítima dona.

— Quando?

— Quando?

— Sim. Quando? Disse que não tem funcionários disponíveis para serviços de entregas nesta semana.

— Sim, eu disse. E é verdade. Mademoiselle terá que esperar para receber sua encomenda em Janeiro, a não ser que venha pessoalmente buscar.

— Eu posso fazer a entrega.

— Como disse?

— Eu mesmo posso fazer a entrega. Dê-me o endereço da dama.

— Eu... Eu não posso fazer isso.

— Oh, sim, que pode.

— Não, o senhor há de compreender que não posso. Viu o conteúdo desta caixa, e nem sequer deveria. Iria constranger mademoiselle sobremaneira se batesse à sua porta para entregar-lhe tal coisa.

— Garanto-lhe que nada direi sobre o que a senhora encomendou. Apenas pedirei que faça a troca e dê-me o que a mim pertence.

Os três homens baixaram o olhar sobre o objeto no balcão, a razão de seu impasse.

— Sinto muito. Não posso fornecer o endereço da minha cliente. Isto não seria ético, e dependo de discrição para manter meu negócio. O senhor compreende... A proposta da Antoine’s, de atender a uma clientela mista, e disponibilizar artigos femininos e masculinos, é meu diferencial. Se alguma senhora souber que um cavalheiro teve acesso à intimidade dos pertences dela... Bem, em pouco tempo perderei minha posição privilegiada no comércio.

— Eu compreendo perfeitamente.

Matt não tirou as mãos de sobre a caixa.

— Porém eu ficarei com isto.

— Mas, meu senhor!

— Não lhe causarei problemas, *monsieur* Antoine, confie em mim. E debite estes itens da minha conta.

Matthew colocou a caixa embaixo do braço e ergueu o rosto, assumindo a postura arrogante dos bem-sucedidos, olhando de cima a seus interlocutores.

— Assumo toda e qualquer responsabilidade e dou-lhe minha palavra que a dona deste pacote não lhe trará problema nenhum. Cuidarei disso. Tenham um bom Natal e um ótimo final de ano.

Antoine e Sullivan resignaram-se, e repetiram quase mecanicamente, enquanto viam seu cliente afastar-se em direção à porta da loja:

— Bom Natal e um ótimo final de ano para o senhor também.

***

Matthew leu silenciosamente a lista fornecida por Christian Cunninghan.

Christian, apesar de seus trinta e poucos anos, era um coronel muito benquisto pela Coroa, e um grande estrategista, com direito a posição privilegiada entre os militares de Sua Majestade. Nesse momento ele estava sentado atrás de sua ampla mesa, observando o melhor amigo e velho companheiro de bebedeiras e orgias. Christian, ou Chris, para os mais íntimos, não participava mais destas folias. Desde que voltara de sua última campanha em Portugal, e descobrira o amor na forma de Luciane, sua noiva então e sua esposa agora, toda sua vida e hábitos mudara. Agora via Matt começar nova cruzada, procurando uma desconhecida com a ânsia de um de cavaleiro da Távola Redonda atrás do Santo Graal. Fallentin enchera seus ouvidos no dia anterior, e para que ele não repetisse a ladainha outra vez, o coronel providenciara, em tempo recorde, a bendita lista de nomes que lhe fora solicitada.

Fallentin abaixou o papel que estava lendo e encarou o coronel:

— Estou pasmo que a lista de damas com as iniciais M e F seja tão pequena!

O outro amigo na sala, Miles Bethlen, também oficial da Coroa, deu uma risada, antes de responder:

— Você pediu uma lista de londrinas, não que incluíssemos as damas de cada condado inglês, ou as que viviam na Escócia e na Irlanda.

— Deveria ficar pasmo que conseguíssemos uma lista como esta em tão pouco tempo, isto sim — Christian resmungou.

Matthew fez uma careta, e colocou o papel sobre a mesa.

— Mesmo assim é uma lista muito pequena. Creio que devem rever isto.

Miles estalou a língua.

— Aí estão todas as londrinas desimpedidas desde a idade adequada para debutar até as que não precisam se apoiar em bengalas para se locomover.

— Desimpedidas? Aí está o erro! Por que as casadas não estão na lista? — Matt franziu as sobrancelhas, olhando a lista outra vez.

— Pelo óbvio, você esta procurando uma mulher com quem deseja relacionar-se, não é? Não apenas entregar uma caixa com objetos pessoais.

— Relacionar-me, sim. Mas quem disse que quero casar com ela?

— Ah, Deus me dê paciência...

— Christian e Miles, esta lista está incompleta! — Devolveu o papel à mesa. — Julguei que o Serviço Especial de Inteligência do Reino estivesse em melhores mãos...

— Estamos a serviço da rainha Vitória, não a serviço de Vossa Alteza Matthew Fallentin — respondeu Christian, prontamente.

— Vá à merda, Cunninghan.

— Dane-se, Fallentin.

Ambos ficaram se encarando durante algum tempo.

— Acha que tenho medo quando faz essa cara de leão bravo? Já o vi bêbado mais vezes do que posso contar nas mãos e as coisas ridículas que fez ainda estão tão claras na minha memória que não poderia apagá-las nem mesmo se quisesse, então jamais conseguiria olhá-lo sem pensar, lá no fundo, que por baixo da fleuma de militar condecorado e ameaçador há apenas um grandessíssimo idiota.

— Foda-se, Matt. Pegue logo sua lista e vá caçar sua dama vermelha. Quero ver o resultado dessa busca.

Matthew pegou o papel sobre a mesa e levantou-se.

— Você é um filho da mãe pomposo e folgado. E dou graças por não ter sido você a receber o título de Duque na família. Seria insuportável.

Christian abriu um grande sorriso.

— Sim.

— E minha mãe espera você, Luciane e as crianças para a festa de Ano Novo em Breccan Grange, devo lembrar-lhe. — Matthew apontou para o outro

oficial, refestelado em outra cadeira, apenas observando os companheiros. — Miles já confirmou presença.

— Claro que também iremos. Não perderíamos a queima de fogos dos Fallentin, de modo algum. Os meninos e Luciane estão ansiosos por isto.

Christian levantou-se e bateu nas costas de Matt, amigavelmente, despedindo-se.

— Acha que ele encontrará a dama, Christian? — Miles perguntou, depois que Fallentin partiu.

Christian deu uma risada curta.

— Ah, sim... Ele encontrará exatamente o que está procurando.

***

A busca pela dama misteriosa não havia sido frutífera no primeiro dia.

Matthew estava bastante frustrado.

O primeiro nome de sua lista, Margareth Faris, era neta de um barão, e muito recatada.

E quando ele dizia *recatada*, queria dizer *muuuuuuitíssimo recatada.* Durante o tempo de sua estada na sala de visitas dos Faris, com lady Faris, mãe, sentada diante dele, a Faris filha esteve com um terço na mão.

Um terço!

Enquanto recebia uma visita, ou, se fosse mais inteligente para perceber, um potencial cortejo!

Claro, talvez, se a moça desejasse ser cortejada, pudesse perceber. Mas ela parecia apenas querer terminar seu rosário, que murmurava enquanto Matt tentava, em vão, entabular alguma conversa. Perguntou a si mesmo se aquilo era pessoal, imaginando que caso tentasse aproximar-se mais, ela ergueria o crucifixo de madeira na direção dele. E tentaria o colocar para correr.

E ele nem tinha a fama de afilhado do diabo como o marquês de Brighton!

Bem, ela não precisava tentar exorcizá-lo. Partiria espontaneamente.

Afinal, Faris jamais usaria a cor vermelha, considerada a cor do pecado. Logo, assim que julgou ter ficado o tempo adequado para uma visita formal, agradeceu, despediu-se e fugiu quase correndo.

Como o diabo fugindo da cruz — *brincadeira, óbvio* — ele conseguiu caminhar sem muita pressa. Ou relativamente sem pressa.

Seguiu até a próxima M.F. da lista.

Marsha Farley era uma senhorita bonita, e *conversava*. Além disso, estava disponível e bastante ávida por ser cortejada. Aceitou prontamente o convite dele para um passeio pelo Hyde Park. Mas mostrou-se tão arrogante para com as crianças que ali brincavam, eufóricas com a chegada da neve, que conseguiu irritar Matt, geralmente um homem paciente e bem-humorado.

Matt gostava de crianças. E não tinha problemas com as que pareciam mais levadas. Ele mesmo fora uma criança assim. Junto com sua irmã Stephanie aprontara muitas travessuras, e quando se juntavam com outros pequenos, a bagunça ficava maior e melhor. Esperava que tivesse sobrinhos parecidos com ele, meninos a quem pudesse ensinar guerra de bola de neve, meninas que ele puxaria de trenó quando o chão estivesse recoberto de branco no inverno, como estava começando a ficar agora. Mas Fanny ainda estava solteira, aos 26 anos, e as esperanças de ser tio esvaíam-se com o passar do tempo.

A paciência dele esgotou de vez quando a senhorita Farley foi grosseira com algumas babás, rebaixando-as diante das crianças as quais elas tomavam conta.

Ele teve certeza, então, que uma mulher tão pouco sensível jamais poderia ter escolhido peças tão delicadas e finas para usar como as que estavam na caixa de *monsieur* Antoine.

A senhorita Farley deveria usar pano de saco, desses que coçam quando tocam a pele, e deixam a sensação de eterno desconforto! Ou algodão tão engomado, duro e rígido quanto sua própria postura.

Deixou a moça em casa, e quando ela, mais uma vez demonstrando sua total falta de sensibilidade — e tato — indagou se ele viria novamente visitá-la, Fallentin deu-lhe uma desculpa tão tola e vaga que poucos minutos depois nem ele mesmo recordava-se de qual havia sido. *Apenas queria livrar-se daquela situação e sumir.*

A outra da lista, Merline Fergunson, era simpática.

Parecia gentil, afável. Mas não tinha o tamanho certo para vestir a diáfana peça vermelha que Matthew estava guardando. Ele conhecia os corpos femininos. Podia avaliá-los e medi-los mesmo que cobertos. E Merline era magra demais para usar aquela camisola.

Uma pena.

Se não fosse por acabar entre os lençóis de Mathilda Fisher, poderia dizer que o dia havia sido um completo fracasso.

Mathilda era agradável, solícita, e sem dúvida não se inibiria em usar

peças íntimas vermelhas, mas aquelas peças não lhe pertenciam. Ele soube disso quando viu o tamanho dos peitos dela.

E os tocou.

E os apertou.

E também os... *Bem, os detalhes não vem ao caso.*

Moça errada.

De novo.

***

Matthew procurava não pensar em suas buscas improdutivas, enquanto jantava na casa de seus pais.

— Christian confirmou presença na sua festa, mãe.

Abigail Fallentin sorriu para o filho.

— Oh, fico muito feliz! O casal Jackson não poderá vir, pois os filhos estão muito resfriados. A família Thornton também não poderá comparecer, pois algum parente em Shropshire faleceu e eles precisarão cuidar do sepultamento. Oh, eu temia que faltassem ainda mais convidados.

Matthew já havia riscado mais alguns nomes de sua lista, porém não estava satisfeito. Dividia seu tempo com a supervisão de um projeto em andamento para os Smith, donos da mansão W, e sendo Tristan seu amigo pessoal, não poderia abandonar a tarefa de projetar os quartos novos da propriedade para correr atrás de uma mulher sem rosto. Quando a mãe falou sobre o problema com os convidados, teve uma ideia.

— Que tal acrescentar mais alguns nomes à sua lista de convidados, mãe? Posso ajudá-la.

— Aí tem coisa — retrucou Fanny.

Matthew olhou de cara feia para a irmã.

— Não tem coisa alguma.

— Você querendo ajudar a fazer uma lista para a festa de mamãe? Ah, tem! Deve querer trazer uma nova remessa de libertinos para o Reino Unido. Como se não fosse suficiente esse bando de inúteis que já circula na sociedade...

— Não seja ridícula, sua ridícula.

— Matt, não fale assim com sua irmã! — A mãe chamou-lhe a atenção.

Fanny torceu o nariz:

— Não seja pateta, seu pateta.

—Fanny! — Abigail voltou-se para o marido — Marcus, as crianças estão brigando.

O patriarca da família apenas ergueu as sobrancelhas, bem-humoradamente, e continuou sua refeição.

Matt fez uma careta para Fanny, e ela respondeu dando-lhe a língua.

A mãe bufou.

— Vocês não crescem. Tenho certeza que seus amigos não se comportam assim.

— Tenho minhas dúvidas. — Matthew sorriu para a mãe. — Poderei incluir mais alguns nomes à sua lista?

— Sim, Matt, poderá.

Vitória!

As damas que não pudesse visitar até o Ano Novo viriam até ele. *Era* p*erfeito!*

— Já não bastam os libertinos que convidou, mamãe? Ainda permitirá que Matt leve mais? — Stephanie balançou a cabeça, censurando a decisão. — Tenho amigas solteiras que virão, e não quero que elas fiquem na mira de homens como... como o Matthew!

A boca de Matt esticou-se numa linha fina:

— Obrigado, irmãzinha! Fanny sempre funny.[1]

— Eles vão se comportar, querida. — Abigail garantiu.

— Os meus amigos que virão estão casados, e bem-casados, segundo percebo. E eu indicaria pessoas de boa família para a lista de convidados. — *Damas*, ele pensou. Porém damas que tivessem algum irmão, para servir de disfarce para sua mãe. Se a senhora Abigail suspeitasse que ele procurava uma mulher, entenderia que procurava uma esposa, e não se tratava disso em absoluto. De todo modo só lançaria mão do recurso de convidar *algumas* damas, e isto como última opção. Não lotaria a casa de senhoritas M.F. Até gostaria de encher a casa com mulheres solteiras, mas não o faria.

Sob o olhar desconfiado da irmã, e o olhar analítico do pai, que não dera opinião mas parecia ter adivinhado que havia algo suspeito em sua atitude, voltou a comer, com renovado apetite.

***

Dezembro havia ficado excepcionalmente frio de repente. E a semana pareceu ter passado com rapidez espantosa. Já era Natal e Matthew se

encontrava numa ceia solidária, sem saber exatamente como se deixara levar até lá por Grayson Shakman. Algo a ver com recrutar força de trabalho para pessoas necessitadas, o outro havia lhe dito. Por ele, tudo bem. Não era nada mal ajudar quem precisava, e sempre buscava pessoal para os diversos projetos postos em prática pelos Fallentin. O marquês de Brighton, pessoalmente, anotava os nomes dos homens desempregados ali reunidos, nos fundos de uma igreja situada num bairro pouco recomendável. Havia bastante gente, muitas crianças correndo alegremente, mostrando brinquedos novos uns para os outros. Vários membros da alta sociedade londrina circulavam por ali, misturando-se às pessoas simples do local. Todos conversavam, felizes, e o clima de esperança e fraternidade parecia reinar.

— A senhorita Melinda está radiante! — Grayson era todo sorrisos, observando o ambiente. Ele era um dos responsáveis pelo sucesso da noite, aparentemente.

— Senhorita Melinda? — Matthew ficou alerta. — Qual o sobrenome dela?

Shakman franziu o cenho e voltou-se para o amigo:

— Thompson. E você não vai chegar nem perto dela.

Matt ergueu as duas mãos:

— Calma, Grayson! Apenas perguntei, não chegarei perto da bela senhorita de olhos azuis... — *Se fosse Finch, Forster, Foreman... Então, talvez sim.*

— Acho bom, mesmo. Ela é filha do pastor Thompson.

— Ohnnnn... Ela é a filha do pastor? Mais uma boa razão para eu não chegar nem perto.

— Isso, fique longe.

— Ela é sua?

— Sim, ela é minha! — Então Grayson voltou a olhar para os congregados presentes. — Pare de me amolar, Fallentin.

Matthew deu uma risada alta. Depois ficou sério, e socou o ombro de Grayson.

— Sabe que não pode divertir-se com a filha de um pároco, não sabe? Não estaria certo! Isso seria demais até mesmo para você, seu patife!

Grayson olhou furioso para Fallentin:

— Eu jamais faria algo como brincar com a reputação de uma moça! Você não me conhece? Estou comprometido com tudo isto aqui... — Grayson fez um gesto com o braço, abrangendo a área — e principalmente com Melinda!

Matthew piscou.

— O que está dizendo?

— Vou casar com a senhorita Melinda. Eu vou pedi-la em casamento, e ela me dirá sim.

— Meu Deus... Sou o último ajuizado do grupo... Vocês todos enlouqueceram!

Grayson sorriu.

— A sua vez chegará!

— Nunca!

— Veremos.

Logo os companheiros seguiram direções opostas, Grayson para ajudar com a distribuição de presentes e Matthew para ajudar o marquês. Depois de conversar com os novos operários de suas obras, Matt foi até as mesas, procurar algo para beber. Esbarrou numa moça no caminho, e pediu desculpas, amparando-a para que não caísse.

E então estacou, ainda com as mãos sobre os braços dela.

— Frannie? É você mesmo?

Ela levantou os olhos para ele, e então a expressão assustada foi substituída por reconhecimento:

— Matthew!

Ambos riram. E ele a soltou.

— Há quanto tempo! Quando voltou de Paris?

— Faz algumas semanas.

Francine era a melhor amiga de Fanny, e eles haviam todos crescido juntos, já que as famílias eram amigas e vizinhas. Eram muito unidos quando pequenos, mas assim que ficaram um pouco maiores Matt começou a considerar Fanny e Frannie chatas e grudentas. Depois ele havia ido para Eton, e em seguida para Oxford, e o contato foi ficando cada vez mais esporádico. Há alguns anos Frannie partira para a França com seu irmão, ele para expandir os negócios da família, ela para aprimorar seu talento para pintura. Não se viam desde então.

— Stephanie sabe que está de volta?

— Claro que sabe. Temos nos visto sempre desde que voltei.

— Oh... É claro. — Como Matthew não morava mais com os pais, dificilmente poderia saber aonde e com quem sua irmã se encontrava.

Ela voltou a sorrir.

— Não sabia que era um filantropo.

Matt deu uma risada.

— Nem eu. Mas acho que gostei disso. — Aproximou-se da amiga e segredou-lhe — Vou usar mais vezes.

Ela deu uma risadinha.

— Faça isso. Faz bem não só para os outros, como a você mesmo.

Matthew encarou-a mais detidamente.

— E você?

— Eu?

— Sim. Filantropa?

Ela pareceu confusa por um instante.

— Eu... Oh, sim. Minha família forneceu a ceia para esta noite.

Matthew balançou a cabeça, em aprovação.

— Isto é maravilhoso.

— Na verdade meu pai tem feito isto há alguns anos.

— Ah... Não fazia ideia.

O olhar dela se desviou de Fallentin, para focar-se nas pessoas em torno.

— Ele procura ser discreto em sua generosidade. Bem, foi um prazer reencontrá-lo, Matthew. Mas vou ajudar Melinda com a distribuição de mantimentos. O reverendo arrecadou provisões para os necessitados, e agora vamos entregá-los.

— Certo, não quero atrapalhar. — Matthew enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Estava esfriando, e suas luvas não aqueciam o necessário.

Francine assentiu e afastou-se.

E Matthew partiu ao encalço de uma bebida quente, um pouco surpreso pela mudança de aparência de Frannie. Ela havia crescido, encorpado, e ficado bem atraente. Muito diferente da garotinha com quem brincava, e brigava também. Gostou de revê-la.

***

As carruagens começavam a chegar a Breccan Grange, e os convidados de Fallentin eram rapidamente direcionados a seus aposentos, onde podiam se trocar e descansar da viagem.

A propriedade de campo era antiga, presente de um príncipe, havia muitas e muitas décadas. Cada geração de Fallentin modificava ou acrescentava

algo aos seus domínios. O próprio Matthew já deixara sua marca no local, com a construção de um alojamento extra, a uma distância estratégica da casa principal. Stephanie batizou-o de "*acampamento para libertinos*" quando ficou pronto. A mãe deles não achou graça no apelido. Era melhor que os rapazes solteiros e enérgicos, que compunham o círculo de amizade de Matthew pudessem ficar mais à vontade, sem perturbar matronas ou donzelas com suas *excentricidades*, ela havia respondido na época, fazendo o filho sorrir. Assim, mesmo numa festa *familiar* seus amigos poderiam usufruir de companhia feminina e exagerar nas bebidas, charutos e jogos, sem escandalizar as *pessoas de bem*.

Esperançoso em encontrar sua tão desejada senhorita M.F. — já que enquanto estivera em Londres não o fizera — e convencê-la a colocar, ou tirar, as provocantes peças vermelhas, instalou-se na edificação dos solteiros.

Ele teria três dias para descobrir sua dama vermelha misteriosa entre as remanescentes de sua lista, que incluíra entre os convidados da festa. Era tempo suficiente.

***

Francine respirou fundo, diante de Breccan Grange.

Passara alguns verões ali quando criança, revezando com a casa de campo de sua família. A dos Fallentin sempre fora mais divertida. Havia um vasto espaço para descobertas e aventuras: um lago, um riacho, até uma pequena caverna. E havia Fanny, com sua criatividade maravilhosa comandando as brincadeiras.

E havia Matt.

Ele era divertido, e sempre a tratava como igual, diferente dos outros garotos que conhecera, incluindo aí seus próprios irmãos. Mas, com o tempo, conforme foram crescendo, as diferenças entre eles, idade, tamanho, sexo, foram se mostrando, e aumentando a distância entre eles. Mais de uma vez Matthew, a quem tanto estimava e admirava, fugira dela. E chamara a ela e Stephanie de *chatas*. E de *irritantes*.

As meninas reagiam a cada grosseria de formas diferentes. Ora choravam, ora o xingavam também, ora faziam queixas à querida senhora Abigail. E, como era de esperar, um dia elas também passaram a ignorá-lo. Naturalmente, e por baixo de tudo, ainda ficara alguma estima. Ou um pouco mais, no caso de Francine.

Ela esperava já ter superado isso. Aquele amor idiota de infância, que

tinha sido trancafiado em algum baú de memórias na sua cabeça. Pretendia mantê-lo bem fechado, à chave, até que fosse completamente esquecido. Passar alguns dias com os Fallentin seria sua prova de fogo. Não podia ser tão difícil, apenas três dias. Com a grande amiga Fanny. E o velho amigo Matthew.

Depois disso partiria outra vez para Paris. O Reino Unido não tinha nada para ela.

Virou-se com brusquidão, apenas para dar um encontrão em Matthew.

Ela balançou.

Ele a segurou, e a estabilizou com suas mãos grandes.

— Precisamos deixar de nos encontrarmos assim, Francine! — Matt riu.

Ela também riu, pega de surpresa, mais uma vez.

— Seria mais fácil se você não viesse sempre para cima de mim!

Matt riu alto. Continuava segurando os braços dela.

— Como foi a viagem?

— Foi tranquila, obrigada.

— Vou acompanhá-la até a casa. Sabe-se lá quem poderá abalroar no caminho...

Francine estreitou os olhos.

— Você não mudou nada, Matt!

Matthew não conseguia deixar de sorrir. Sentia-se feliz em encontrar Francine novamente. E olhá-la era um prazer a mais. Recordava-se dos olhos negros, intensos e sagazes, sempre acompanhando os movimentos à volta, atentos a cada nuance. Era de se esperar que uma pessoa tão atenta a tudo fosse se tornar uma pintora, e retratar com capricho o que via. Ela mesma seria digna de um quadro com sua beleza simples e radiante. Os cabelos escuros brilhavam, bem comportados graças a grampos que os mantinham presos no alto da cabeça. Ela sempre gostou de manter as madeixas bem domadas, alegando calor. Quantas vezes, quando eram pequenos, ele lhe puxara as tranças, ou lhe arrancara os laços, só para vê-la aborrecida, e depois, quando ficaram um pouco maiores, para ver os belos fios soltos, e o rosto de Frannie enrubescer de fúria e correr atrás dele? Quando esta segunda fase de brincadeiras chegou, os pensamentos dele, ao vê-la aproximar-se ameaçadoramente, após outro penteado desfeito, o confundiam. Tinha vontade de tocá-la de forma diferente, segurá-la, empurrá-la de outro modo. Seu corpo reagia de maneira estranha às brincadeiras e implicâncias. Não entendia porque, mas não demorou muito a descobrir que, mesmo a amiga tendo um corpo desinteressante, era uma *garota*. E ele era um garoto na puberdade. Estava crescendo, era mais velho, e afastar-se era o certo a

fazer, naturalmente. Ele já tinha um membro muito animado e endurecido entre as pernas, e ela era uma menina inocente, sem peitos! Ela ainda queria brincar. Ele não. Ela queria aproximação, e ele queria... Mais do que isso. Não eram sentimentos, mas desejos intensificados por hormônios enlouquecidos, em ebulição diante de qualquer exemplar do sexo feminino. Seu pai orientou-o sobre suas ânsias e ele dirigiu suas atenções a quem poderia de fato recebê-las.

A infância para ele acabara, e cortou as intimidades com a velha companheira de recreação.

E, de longe, observou quando o tempo fez os seios dela despontarem sob o tecido, semelhantes a pequenos morangos, esticando-lhe o tecido da parte superior da roupa, provocando um olhar curioso, que tornou-se mais alerta quando os moranguinhos salientes começaram a arredondar-se no formato de pêssegos... Depois, peras e agora pareciam-se com...

— Matthew?

— Ahn? — Ele piscou, tentando concentrar-se no que Francine dizia.

— Está com uma cara engraçada... O que está pensando?

— Em frutas!

— O que? Em frutas? — As sobrancelhas dela franziram.

— Sim. Acho que estou com fome. Você não está? — Ele soltou o ar que parecia ter prendido nos pulmões, subitamente. Dando o braço a ela, guiou-a até a escadaria que levava ao interior da casa.

***

Maeve Frontier não era dona da caixa. Nem sequer conhecia a loja de monsieur Antoine! O que foi um alívio, pois a moça era muito, muito pedante. Felizmente Matthew não precisou ficar tempo demais em sua companhia. A mãe bateu palmas, chamando a atenção de todos que conversavam no salão azul, onde tinham se reunido após os charutos e conversas femininas, como tradicionalmente se fazia depois da refeição.

— Vamos à brincadeira de mímica!

Matthew fez menção de afastar-se, e sua irmã o segurou pela manga.

— Adorávamos isso quando crianças, por que quer fugir?

— Porque cresci.

— Não seja desagradável. É o primeiro dia da festa, e já quer se afastar? Pense em mamãe.

Ele suspirou.

— Está bem. Mas ela não precisa da minha presença. As festas dela são sempre um sucesso.

— Eu sei. Mas com nossa presença, valem mais.

Matthew assentiu.

As rodadas de brincadeiras começaram. E estavam inesperadamente divertidas. O primeiro grupo incumbiu-se de imitar pessoas famosas. Não foi muito difícil reconhecer Napoleão, Byron e George III. Então decidiu-se que seria interessante complicar um pouco mais o jogo, e os participantes foram convidados a encenar uma história famosa, e os outros deveriam adivinhar qual era seu título.

Abigail fez uma interpretação hilária de Dom Quixote, arrancando muitas risadas, e elevando o nível da adivinhação.

E Francine foi sorteada para ser a próxima a interpretar.

Ela parou diante de todos e pôs as mãos no peito.

Matthew ficou muito atento ao movimento.

Então ela ergueu os braços para bem alto, como em desespero, e fingiu chorar.

— Édipo rei? — Abigail arriscou, quando Francine olhou para seu público, em expectativa.

Ela gesticulou que não, e fingiu que estava caindo, dramaticamente.

— A divina comédia? — Alguém gritou.

Matthew, que já havia adivinhado qual a história que Frannie estava apresentando, mas estava divertindo-se com sua demonstração dramática, estourou numa risada, sem conseguir se conter.

Francine olhou-o, muito séria. Então esticou o braço, fechou a mão como uma garra de aço no pulso dele, e o puxou para o centro da roda que se formara entre os participantes do jogo.

Matthew ainda tentou escapulir, mas os convidados começaram a bater palmas e incentivar a brincadeira.

— Não estrague o espetáculo, Matt! — Gritou Stephanie, um minuto antes de abrir um sorriso perverso para o irmão mais velho.

Francine empurrou Matthew para deitar-se no sofá. Ele controlou a expressão. Numa outra situação não deixaria de sorrir, e talvez até soltar um comentário malicioso. Ou não. Afinal era Frannie que o estava pondo deitado. *FRANNIE*! Sua velha amiga de infância, quase uma irmã. Não deveria ter pensamentos impuros com ela. Não deveria, sob nenhum aspecto. Nenhum. *NADA*. E deveria continuar repetindo isto para si mesmo. *Várias vezes*.

E para piorar ainda tinham público!

Francine fez sinal para que Matthew fechasse os olhos. Ele obedeceu. Inclinou-se ligeiramente na direção dele, sob o olhar curioso da assistência, e fez uma encenação de susto, levando a mão à boca, com horror. Em seguida pôs as duas mãos sobre o coração, demonstrando extremo sofrimento. Com muita dramaticidade fingiu esfaquear-se e jogou-se na poltrona ao lado de Matt, como morta.

Matt arriscou abrir um olho, e viu que todos ainda olhavam para eles, e que Frannie fingia de morta ao seu lado. Ninguém ali parecia propenso a arriscar o nome da história.

Merda!

Todos esperavam algo mais.

Matthew tomou uma decisão. Levantou-se, fez sinal pedindo tempo, e sacudiu Francine, fazendo-a levantar-se.

Recomeçariam a mímica, de modo diferente.

Foi a vez de Matthew forçar Francine a deitar-se.

E quando inclinou-se sobre ela, para ajustá-la no sofá, seus olhos se encararam de uma forma muito, muito estranha...

Ergueu-se, rápido.

Francine, por sua vez, fechou os olhos.

Matt começou a interpretar, olhando em volta, e fazendo cara de pavor ao avistar a companheira. Aproximou-se dela, sacudindo-a ligeiramente, e então ergueu seu tronco, enquanto a abraçava e fingia soluçar.

— O que está fazendo? — Francine murmurou, procurando abrir os lábios o mínimo, ainda de olhos fechados.

— Apenas colabore — Matt respondeu, entredentes.

Ele a largou, fazendo o corpo dela estatelar-se no sofá — ouviu-lhe o resmungo, mas o ignorou — sacou um frasco imaginário do bolso e bebeu tudo, de modo ostensivo. Com as mãos na garganta simulou engasgar-se, e, trôpego, desabou sobre a mulher deitada.

Francine mexeu-se, olhou o homem deitado parcialmente sobre ela, fingiu assustar-se, ergueu-se ligeiramente, e repetiu a cena da punhalada no próprio peito. E voltou a cair deitada, com um dos braços esticado sobre Matthew, como o abraçando.

A gritaria que se seguiu foi ensurdecedora.

Não apenas gritavam *Romeu e Julieta*, como gritavam *Bravo! Bravo! Bravo!*

Matthew e Francine levantaram-se, e ela rindo, agradeceu aos convidados que continuavam falando ao mesmo tempo, eufóricos como se acabassem de assistir uma grande apresentação no teatro.

Matt apenas sorriu, e disfarçadamente afastou-se. Aproveitando a confusão geral fugiu do salão, pensando que Francine não tinha nada parecido com pêssegos ou peras por baixo de suas roupas. Ela tinha peitos. Macios e arredondados, e que ele tocara, acidentalmente, durante sua pequena encenação. Peitos que depois comprimiram-se, deliciosamente, contra ele, quando deitaram um sobre o outro.

Precisava afastar-se, e voltar a focar-se na busca por sua dama vermelha, tão libertina quanto ele. Não focar em moças inocentes, muito menos velhas amigas de infância.

— Matthew?

Ele estacou. Julgou haver escapado, ao alcançar o corredor, mas não. Virou-se devagar.

Francine estava parada, tão bonita dentro do vestido verde-escuro elegante e com um decote discreto. Mais cedo ela usava um azul-marinho, com chapeuzinho que combinava. Trajes muito diferentes dos que recordava-se vê-la usando anos atrás, quando debutara. Era bela em suas vestimentas em tons pastéis então, seguindo o exigido para as jovenzinhas. Mas agora estava muito melhor, transformada em mulher, preenchendo mais satisfatoriamente suas vestimentas, e sem a necessidade boba de usar apenas as mesmas cores tediosas. Perguntou-se porque ela nunca casara. Tendo boa aparência, sendo rica, e espirituosa como era, seria a esposa perfeita para qualquer homem inteligente. Teria sido por causa da escolha em seguir as Belas Artes? Ou o pai dela havia sido exigente com seus pretendentes e os considerado nada mais que caça-dotes, dispensando e assustando todos que se aproximavam?

— Você não vai mais brincar? — Francine imediatamente arrependeu-se da pergunta, que soou tola e infantil. Em um minuto voltou a ser a pequena Frannie, ansiosa diante do amiguinho mais velho, em tensa expectativa. Ele a rechaçaria, como fizera outras vezes, anos atrás? Encolheu-se.

— Eu havia pensado em tomar ar. Ver as estrelas. Aproveitar um pouco, enquanto não neva.

Ele sempre gostara de observar as estrelas à noite. Ela também. Quando garotos, ali mesmo, em Breccan Grange, haviam passado várias horas sob as estrelas, observando constelações, filosofando bobagens sobre mundos imaginários e viagens impossíveis ao céu. Fanny costumava liderar as divagações, criando histórias e tecendo tramas cheias de aventuras com seres

mágicos multicoloridos que viveriam em outros planetas. Mas algumas vezes havia sido apenas Matt e Francine.

Era um tempo bom.

E pensar nisso fez com que Matthew estendesse a mão.

— Me acompanha?

E fez com que Francine a tomasse.

— Será um prazer.

Pegaram seus casacos e saíram da casa.

***

Mirella Flint não era a dama vermelha. Matthew sabia que não pois fora bem direto em sua pesquisa dessa vez.

Perguntara a ela se havia feito uma encomenda na loja de *monsieur* Antoine. Ela dissera que não e Matthew se sentiu...

Aliviado.

Não deveria sentir-se aliviado. Devia estar fulo, irritado por dias de buscas sem resultados. Deveria estar aborrecido por idealizar uma mulher que estava demorando muito a encontrar.

Mas, no momento, queria apenas afastar-se da senhorita Flint, e procurar a companhia de outra moça.

Uma moça que conhecia bem, que não oferecia mistérios a serem decifrados.

Francine.

Na noite passada ficaram até tarde no jardim, primeiro trocando ideias e opiniões sobre constelações, depois divertindo-se com lembranças da infância, e por último, conversando sobre si mesmos.

Frannie falou sobre seu aprimoramento como pintora, sua admiração por Rembrandt e Caravaggio, e como desejaria ter um décimo do talento de Botticelli ou Ticiano. Matthew a escutava com atenção, perdendo-se algumas vezes nos olhos intensos e na expressão resplandecente que ela apresentava ao falar de suas paixões. Saberia ela que brilhava? E que era brilhante?

E que ele estava tão encantado por toda aquela luminosidade que temia mexer-se, falar, ou respirar, e estragar o momento?

Mas então chegaram mais carruagens, e dessa vez eram Christian, Miles e Tristan, todos acompanhados de suas famílias, e Matthew precisou interromper

a conversa com Francine.

Quando voltou a procurá-la foi informado de que já havia se recolhido.

E, pela manhã, com tantos convidados circulando pela casa, e mais gente chegando, mal a viu pela manhã.

***

— Fanny e Frannie, grudes grudadas!

Francine e Stephanie se entreolharam, e suspiraram ao mesmo tempo. Havia anos que não escutavam aquele gracejo.

Estavam sentadas, lado a lado, num grande e velho tronco, perto do lago, quando Matthew chegou.

— Olá, bobalhão — respondeu Stephanie.

— Amber e Jake acabaram de chegar.

Stephanie ergueu-se, animada.

— Vou cumprimentar Amber! Você precisa conhecê-la, Frannie! Venha.

A duquesa era venerada pela maioria das senhoritas de Londres. Stephanie não fugia da regra.

— Não faltará oportunidade, Fanny. Gostaria de ficar ao ar livre mais um pouco.

A amiga assentiu e afastou-se rapidamente, em direção à casa.

Matthew aproximou-se.

— Você está bem?

— Estou ótima. — Francine olhou em torno. — Este lugar daria uma ótima pintura.

Francine sentira saudade do local. E voltaria a sentir, quando partisse novamente, dessa vez sem intenção de retornar. A noite passada servira de alerta, sabia que devia afastar-se. O mais breve possível. Correndo, se possível.

— Por que não pinta, então? Trouxe seu material?

Sim, trouxera alguma coisa. Não resistira.

— Trouxe alguma coisa.

— Então? Gostaria que eu lhe ajudasse? Creio que estou apto a carregar cavaletes, tintas e pincéis.

Ela tentou sorrir.

— Outra hora.

Matthew sentou-se ao lado dela. Sem pedir licença, como sempre.

— Está aborrecida?

— Não.

— Então por que não olha para mim?

Francine apertou os lábios, e virou o rosto na direção de Matt.

Gostaria que não estivessem tão próximos.

Talvez se não estivesse tão perto não pudesse perceber a linha verde escura que circundava sua íris, e colava-se em outro círculo, esse em castanho escuro, formando um efeito incrível de cores, que clareava na área maior, em nuances dourados, com riscos marrons de tamanhos variados, até encontrar o centro negro de sua pupila.

Se não estivessem tão próximos ela não notaria como o cabelo escuro dele tinha fios acobreados, que refletiam um brilho avermelhado sobre sua cabeça cada vez que incidia sobre ele a luz do Sol.

Não repararia nas bordas de seus lábios bem feitos, nos risquinhos que haviam neles, nem em quanto eram surpreendentemente provocantes e másculos, entreabertos agora.

Não estaria a ponto de tocar-lhe a pele do rosto, sem manchas e bem barbeada, que ainda guardava ares do menino que havia sido. Matthew não mudara muito, e o tempo lhe fora bastante favorável. Parecia mais jovem do que era de fato, e ela sabia a idade dele muito bem. Cada aniversário que ele fazia, ela recordava-se dos que também fizera.

Esperando.

Esperando.

Até cansar de esperar.

Tinha sido tão apaixonada por Matthew... Na noite anterior fora lembrada de quanto, ao olhar as estrelas e ser transportada para um passado distante, quando fizera um pedido a uma estrela: casar-se com Matthew. Ela debutara, esmerara-se em sua apresentação, e não conseguira dele mais do que algumas danças. A temporada acabou, e o cortejo que ela aguardara acontecer não aconteceu. O mesmo foi no ano seguinte, e no outro. E assim o tempo passou, tal como os admiradores que ela ignorou, e os pedidos que rejeitou.

Se não podia ter o que queria, não se contentaria com menos.

Não havia nada pior que esperar. Ou talvez houvesse. Resignar-se.

Francine não sabia como fazer Matthew Fallentin notá-la. Então desistiu. Mas não se fez de pobrezinha. Em nenhum momento. Não parou sua vida por ele, nem abriu mão de outros sonhos. Abraçando seu amor à pintura partiu com o irmão mais velho, Bernard, quando abriu-se a oportunidade de expandir os

hotéis Maxwild para a França. Os pais não se opuseram. A filha solteirona era um caso perdido mesmo, pelo menos que fosse feliz com seu hobby.

E ela estava feliz. Satisfeita com sua vida. Ensaiando até alguns flertes com homens interessantes. Ela superara aquele amor de infância. E de adolescência. E não queria vê-lo brotar de novo, agora que era adulta.

Mas o risco de ser atingida novamente pela flecha do Cupido crescia à proporção em que ficava na companhia de Fallentin. Os poucos encontros que tiveram já faziam seu coração acelerar. Não podia ser bom sinal.

Além disso, seria um retrocesso monumental.

— Pronto. Estou olhando, Matthew.

A atitude hostil não passou despercebida por ele.

— Está irritada porque eu disse “Fanny e Frannie, grudes grudadas”? — Matthew riu.

Uma raiva estranha começou a se apoderar de Francine. Ela levantou-se.

— Cale a boca, Matthew.

Matthew levantou-se também.

— Ninguém me manda calar a boca, *Fran-nie.*

— Você continua o mesmo idiota de sempre.

Ela não soube porque estava tão furiosa, nem porque esticou os braços, apoiou as mãos no peito de Matthew e o empurrou com toda a força que tinha.

Mas sabia que seu maior desejo agora era derrubá-lo na lagoa.

Matt foi pego de surpresa. Balançou-se e desequilibrou-se; no entanto, ao invés de cair para trás, direto nas águas geladas do lago atrás dele, jogou o corpo para frente, caindo com todo seu peso sobre Frannie.

— Não somos mais crianças! Você não pode me jogar no lago como fez quando éramos pequenos! — Matthew recordava-se muito bem de quando ela o jogara na água, mais de quinze anos atrás, afinal sua irmã Stephanie, presente no dia, nunca permitiu que ele esquecesse. Era verão e o maior problema na época foi a vergonha de ser derrubado por uma menina, mas nunca conseguiu achar a situação divertida. No inverno uma queda em águas geladas seria ainda menos engraçada.

Francine desferiu um soco no braço de Matthew, enquanto tentava empurrá-lo com as pernas, procurando se livrar dele.

— Mas que inferno, Francine!

Mattew segurou Frannie pelos pulsos, forçando-a a parar de socá-lo. E pôs suas pernas sobre as dela, procurando contê-la com seu peso.

— Francine, pare com isso! Você enlouqueceu? O que está acontecendo?

Ela gostaria de gritar. Mas o som que emitiu assemelhou-se mais a um rosnado.

— Me diga por que está tão furiosa? Não pode ser por causa de uma brincadeira tola de criança. O que eu fiz de errado?

— Nada. Tudo.

— Decida-se, por favor. Nada ou tudo?

A voz dele soou tão lógica e calma, que não houve opção para Francine a não ser tentar ser lógica e calma também. Além do que espernear e chutar no momento estava fora de questão. Matthew era grande e pesado, e a mantinha com as costas bem coladas ao chão frio.

— Não é nada com você, Matthew.

— Bem, se não é, me enganou direitinho. Sua raiva parece bastante direcionada a mim.

Francine estava assustada, com a respiração irregular, sentindo os polegares de Matthew acariciarem seus pulsos.

— Frannie... Fale comigo. Sabe que pode falar tudo comigo. Sempre pode.

Os olhos dela arderam.

— Não, não posso.

— Pode, sim.

— Matthew... Eu... eu não posso. Eu não posso mais. Não faça isto.

O rosto dele inclinou-se para mais perto.

— O que eu fiz para despertar tanta fúria?

De novo aqueles olhos castanhos, próximos demais.

— Eu não quero...

Mais próximos.

— O que?

Os lábios dela tremeram. O corpo toda dela parecia tremer.

— Você está tremendo, Frannie.

— Frio.

— Como?

— Muito frio, Matt.

Então ele entendeu. Ela estava com as costas no chão frio, gelado. Com todo peso dele comprimindo-a ainda mais contra a friagem.

Num pulo ele ergueu-se, e demonstrando uma agilidade incrível, ergueu-

a no colo.

E correu com Francine nos braços, em direção à casa.

Os lábios dela estavam azulados. E ele estava aterrorizado.

***

Matthew aguardava do lado de fora da porta do quarto de Francine, enquanto sua mãe, Stephanie e uma criada a trocavam e aqueciam, para evitar que ela adoecesse.

Pensava seriamente em invadir o cômodo quando sua irmã abriu a porta e foi até ele.

— O que aconteceu, Matt?

Normalmente ele não daria satisfações a ninguém, muito menos à sua irmã enxerida, mas se tratava de Francine, que ela considerava como da família.

— Francine caiu. E como deve ter geado de madrugada o chão estava...

— Caiu? Mas... Caiu... e ficou assim, com as costas congeladas?

— Eu caí sobre ela.

— Caiu sobre ela?

Matt estalou a língua, começava a impacientar-se.

— Ela me empurrou, perdi o equilíbrio, caí e a levei junto na queda. Foi isto.

— Por que ela o empurrou? O que você fez?

— Não fiz nada.

Stephanie bufou.

— Claro, porque você nunca faz nada!

Matthew estreitou os olhos.

— Eu não fiz mesmo.

— Matthew, a minha vida inteira eu vi garotas aproximarem-se de você e você não fazer *nada!* Elas surgiam, faziam amizade comigo, e ao perceberem que você não valia a pena, se afastavam. Quando tive maturidade o suficiente para perceber que este tipo de amizade não era verdadeira, percebi também o quanto você se importava pouco com os sentimentos das moças às quais encantava. Mas não admitirei que envolva Francine, que a magoe ou destrua a amizade mais sincera e leal que tive até hoje!

— Eu jamais magoaria Francine!

Stephanie riu, sem humor.

— Esta manhã Frannie estava diferente. Triste, soturna e falando sobre voltar a Paris. Agora começo a compreender porque.

— Voltar à Paris?

— Sim, definitivamente.

Não!

Matthew fez menção de abrir a porta.

— Matthew.

A voz de comando de sua irmã fez com que ele interrompesse a ação.

— Matthew, se não pretende dar uma boa razão para Frannie ficar no Reino Unido, não abra esta porta. Deixe que ela fique em paz. Que siga sua vida, sua carreira, que encontre um homem que a permita crescer e fazer o que ela realmente deseja, e a acompanhe e ampare verdadeiramente, sempre que ela precisar.

Matt encarou a irmã.

— Você pode ser este homem? Pode deixar de ser o libertino inconsequente, que só pensa em farras e em si mesmo?

— Eu...

— Você encheu esta casa de mulheres, Matt. Pensa que não se percebe? Pediu para adicionar à lista de mamãe mais alguns amigos, e fez com que ela enviasse convites para famílias que mal conhece, apenas porque está de olho nas filhas solteiras que elas tem. Não respeitou sequer nossa intimidade em sua ânsia sem medidas por novas conquistas.

A busca por sua dama vermelha... Nas últimas horas havia esquecido completamente dela.

— Não é assim, Stephanie.

— É exatamente assim. Mirella, Maeve, Mirian, Moira, Mabel... — Ela listou, enquanto pontuava nos dedos cada nome.

— Pare!

— O ano está acabando. Mais um. E você continua o mesmo Matthew de dez anos atrás.

— Não.

— A Francine mudou.

— Eu sei.

Matthew girou nos calcanhares e deu as costas a sua irmã, afastando-se sem dizer mais nada.

***

Era véspera de Ano Novo, e Breccan Grange já estava cheia. Todos os convidados esperados haviam chegado, e Matthew manteve-se ocupado o mais que pode, entretido com seus amigos. O dia anterior havia sido muito estranho. Ele parecia ver Christian, Tristan, Jake, Robert e Timothy pela primeira vez. Ou com outros olhos. Todos estavam acompanhados de suas famílias.

Não seus pais.

Suas *próprias* famílias.

Esposas e filhos.

E até uma prole estendida, como era o caso de Lorde Tim.

E pareciam tão extremamente e profundamente felizes, que algo dentro de Matt pareceu sacudir, e incomodar. Um vazio, um buraco, talvez.

Quando a algazarra das crianças cresceu de um zum zum zum harmonioso para gritaria animada e dissonante, Matthew percebeu que o coração apertava. Acompanhou, com interesse, a correria dos pequenos, e a de seus amigos, os terríveis e famosos *libertinos*, atrás deles. Assistiu Jake jogar o pequenino Nicholas para o alto, e viu a confiança refletida nos olhos do garoto ao estender os braços para cair nos braços do pai, pedindo-lhe em seguida para que repetisse a brincadeira.

Viu Tristan abraçar a esposa e beijá-la apaixonadamente em público, como habitualmente fazia, sempre escandalizando e encantando a sociedade com suas atitudes pouco convencionais. E logo depois abaixar-se para verificar o joelho ralado do primogênito, Sebastian, para então beijar-lhe a testa, com o mesmo amor ostensivo exibido antes.

Observou Christian erguer um de seus filhos gêmeos, que acabara de cair após uma correria insana; tirar-lhe a sujeira de suas roupas com as próprias mãos, batendo-lhe ligeiramente nas vestes, e o incentivando a voltar a brincar.

Testemunhou Robert, o poderoso marquês de Brighton, afilhado do diabo, colocar o filho Gideon nos ombros, e sair com ele pelo jardim, como se trotasse.

Toda aquela demonstração de *domesticidade* era assustadora.

Também era maravilhosa.

O mês de Dezembro estava se mostrando um mês revelador. Quem poderia prever que algumas semanas poderiam fazer por alguém o que anos não haviam feito?

***

Ele estava muito bonito. O traje escuro, sobre uma camisa imaculadamente branca, e o cabelo, sempre rebelde no passado, desta vez penteado com esmero.

Matthew Fallentin possuía uma beleza sóbria, um nariz reto talvez mais longo do que deveria ser, mas que lhe ficava perfeitamente bem, e, de uma forma muito surpreendente, dava-lhe charme extra. E aqueles olhos castanhos, com seus reflexos esverdeados e dourados, brilhavam mais claros àquela noite. Não era por causa de sua percepção de artista que Francine o enxergava como um belo espécime masculino. As outras mulheres também o viam assim. Como sempre. Durante toda a vida assistira a movimentação à volta dele, o revoar de beldades, o bater de pestanas, o esvoaçar de saias. Habituara-se a isso.

E, nos últimos anos, tal situação perdera a importância.

Portanto era lamentável que seu coração saísse do compasso mediante a aproximação de Matt, nesse instante.

— Está linda.

Matthew tinha certeza absoluta que não havia mulher mais bonita que Francine em Breccan Grange. Ou em Londres. Ou no Reino Unido todo.

Ela usava um vestido branco e lilás, que valorizava-lhe a pele clara e contrastava lindamente os cabelos escuros, parcialmente soltos, para total alegria dos olhos e, se Matt tivesse sorte o bastante, das mãos dele.

— Obrigada.

Matthew ofereceu o braço a Francine.

Por alguns segundos ela titubeou.

Mas então algo ocorreu-lhe. Havia decidido, há muito, mudar o rumo de vida, tomando em suas mãos o leme da nau que a levaria por todo o caminho. Era adulta, para fazer o que quisesse. E se isto significava decidir com quem ficar, quando, e aproveitar cada momento e oportunidade que surgisse, iria fazê-lo. Matthew era passado, dificilmente seria futuro, mas poderia ser presente. E qual melhor momento para aproveitar o presente do que o agora, no último dia do ano?

Saíram de braços dados para os jardins, onde haveria a aguardada queima de fogos dos Fallentin. Algumas pessoas estavam espalhadas aqui e ali, e Matthew conduziu Frannie para uma área mais isolada, desejando tê-la apenas para ele, o máximo de tempo que pudesse.

— Suas amigas ficarão enciumadas por acompanhar a mim, e não a uma

delas, até o jardim — Francine sorriu.

— Minhas amigas?

— Sim, todas as senhoritas F. que convidou para a festa...

Oh, ela sabia...

— A única senhorita F que me importa agora é você. — Matthew respondeu, lançando um olhar intenso para Francine.

Um arrepio agradável percorreu-a.

— Só que não sou realmente uma senhorita F, meu sobrenome não começa com esta letra. E você sabe. — Francine sorriu languidamente, flertando com ele.

Matt aproximou-se mais.

— Eu não quero chamá-la pelo sobrenome. Quero a intimidade de sentir seu primeiro nome rolando na minha língua. — Pôs as mãos na cintura dela, trazendo-a mais para perto.

— Você sempre fez isso.

— Mas dessa vez é diferente.

— E o que há de diferente?

— Você. Eu. Tudo, enfim.

— Oh... O efeito parisiense... Provoca isto nas pessoas.

— O efeito parisiense? — Matthew riu. — Acha que estou deslumbrado porque você trouxe um pouco de sotaque francês em sua voz? Ou porque seus trajes levam vantagem sobre o das pobres garotas inglesas?

— Acho.

— Engana-se.

— Deve haver uma explicação para que me olhe diferente agora, após tantos anos de convivência.

Francine estava séria. De repente o flerte pelo flerte não parecia interessante ou divertido.

— Não via você há anos.

— O distanciamento serviu para que você pudesse enfim me enxergar?

Francine afastou-se das mãos de Matthew.

— Pois se foi isso, Matthew, aborrece-me que não tenha me distanciado antes!

Ele se surpreendeu.

— Por que diz isso?

— Sabe quanto eu era louca por você? Não é possível que nunca tivesse

notado!

— Não, não notei. Louca por mim? Você me xingava, Francine! Fazia pouco caso da minha pessoa! Isso quando falava comigo! Na maior parte das vezes você simplesmente me ignorava.

— O que? Eu não!

— Sim, você, sim. Deve recordar-se...

— Você começou com isso!

— Quando éramos crianças podia ser, mas depois, quando ficamos mais velhos, eu tentei conversar com você, várias vezes. Suas respostas eram monossilábicas. E estava sempre com suas amigas, ou com minha irmã, ou rodeada de cavalheiros.

Algumas lembranças começaram a espocar na cabeça de Francine, situações guardadas na memória, vistas agora sobre outros ângulos. A compreensão atingiu-a. E ela empalideceu.

— Oh, Matthew...

Ele sorriu, brandamente.

— Não tem problema, Francine. Estive um pouco apaixonado por você quando éramos jovens demais para entender o significado disso, mas, obviamente, superei. Como você também o fez.

— Talvez o meu sentimento não tenha sido tão frugal quanto o seu.

— Não há como medir um sentimento. Ainda mais um passado. Ele pode ser grande ou pequeno, dependendo do modo como você o enxerga quando olha para trás.

Francine piscou. Estava tão surpresa, e tão desorientada...

— Se colocarmos uma pedra sobre o que passou e começarmos a partir do agora, Francine, podemos então avaliar o que estamos sentindo.

Matthew voltou a pegar Francine nos braços.

— Vamos recomeçar? Vamos permitir que este novo ano seja diferente para nós?

A cabeça dela começou a sacudir devagar, e logo estava sacudindo com força, enquanto ela sorria, em concordância.

— Sim! Sim! Sim!

— Então Feliz Ano Novo, minha Francine! Minha Francine!

O rosto de Matthew desceu até o dela, e enquanto se beijavam apaixonadamente, começou a gritaria a volta.

Os convidados desciam para os jardins, espalhando-se rapidamente,

enquanto o show de fogos de artifício começava, cortando o ar em cores, brilhos, e barulhos.

Rosa, azul, roxo, vermelho, amarelo, verde... Linhas reluzentes riscavam o céu, refletindo seus matizes em toda a extensão de Breccan Grange, estourando em bolinhas coloridas que clareavam o negro espaço, num espetáculo impressionante e, graças ao eco da gritaria infantil, ensurdecedor.

Matt e Frannie não viram nada.

Não ouviram nada.

Os beijos eram mais importantes.

Os abraços eram mais importantes.

O amor era mais importante.

***

Matthew deu mais uma olhada no quarto que estava ocupando no *Acampamento para Libertinos*. Era a última vez que se instalava ali. Tinha certeza que quando voltasse a Breccan Grange estaria casado. Com Francine, claro. As festas de final de ano haviam acabado, todos os convidados estavam retornando aos seus lares. Matt voltaria para Londres com Francine, diretamente para a residência dos Monroe, onde ele faria, formalmente, o pedido de casamento. A noiva já dissera *sim*.

Não havia porque perderem mais tempo, visto que se conheciam muito bem, bem demais. E visto que estavam apaixonados, também demais.

Então seu olhar recaiu sobre a caixa.

Havia colocado a peça embaixo da cama, e, desde que se confrontara com seu coração, sua busca tola perdera importância.

Ele pegou o objeto, achando graça da situação agora.

Como podia ter passado por sua cabeça correr atrás de uma desconhecida, apenas por causa do que ela vestia?

Seus olhos voltaram-se mais uma vez para as letras rabiscadas no topo.

M.F.

Sentiu um pequeno formigamento.

Abriu a caixa e olhou, outra vez, seu conteúdo.

Retirou as exóticas peças vermelhas, e as sóbrias luvas cor de vinho, forradas com pelo de arminho.

Por baixo havia algo que deixara escapar. Como era possível?

Um papel, pequeno, onde estava escrito um endereço. A origem do produto ali contido. Vinha da França.

Vinha de Paris.

Matthew pegou as luvas de inverno, que pusera de lado, e olhou-as com mais cuidado.

Deu uma gargalhada.

***

Francine aguardava Matthew junto a carruagem. O frio estava intenso, e seu casaco e capa talvez fossem insuficientes para aquecê-la. Ainda bem que Matt viajaria ao lado dela. Seria o suficiente para esquentar as coisas, ela pensou, com um sorriso satisfeito. Os dias que se seguiram ao dia trinta e um de Dezembro tinham sido maravilhosos. Havia sido pedida em casamento! E não somente isto, mas havia sido pedida em casamento pelo homem que amava, e — era de pasmar — que a amava também! Um homem que admirava seu talento para pintura, e apoiava seu desejo de continuar pintando! Um homem que desejava uma família grande, uma casa no campo, cachorros barulhentos, passeios de barco no Verão, e brincadeiras com neve no Inverno!

— Francine Monroe?

Ela voltou-se, com um sorriso.

— Sim, Matthew Fallentin?

Ele aproximou-se, com um grande sorriso na face.

— Deixe-me ver suas luvas.

Ela não compreendeu bem, mas estendeu as mãos.

Ele deu uma risada.

— Luvas pretas, Francine? Parecem um pouco grandes... E não combinam muito com sua capa cor de vinho.

Ela também riu.

— Ah, é uma longa história! Comprei esta capa na França, com luvas combinando, mas não ficaram prontas a tempo para minha viagem, então foram enviadas pra mim através de uma loja em Londres. No entanto, quando fui pegá-las, descobri que trouxe a caixa errada para casa. Eram estas luvas que estavam no estojo trocado. Como pareciam até mais quentes do que as minhas, fiquei com elas. Certamente o cavalheiro que as perdeu já deve ter arranjado outras.

Matthew estendeu as luvas cor de vinho para Francine.

Os olhos dela se arregalaram.

— Oh! Minhas luvas!

Rapidamente ela compreendeu tudo. E seu rosto ruborizou-se.

— Tentei encontrar a misteriosa dona da caixa, admito. Pensei que tinha as mesmas iniciais que eu, e só agora percebi que todo o erro aconteceu porque não vi o óbvio: que os sobrenomes ingleses vem antes do nome de batismo em cartas ou encomendas.

— Ooohhh... — Francine levou as mãos aos lábios.

— Mas achei algo muito melhor, e real. Abandonei a busca idiota.

Francine engoliu em seco quando Matthew chegou mais perto e inclinou-se para falar-lhe ao ouvido.

— Usa sempre peças tão provocantes por baixo dos vestidos? Porque estou louco para vê-la usando as coisas que estão dentro daquela caixinha...

Beijou-a uma vez, e duas.

E voltou a sussurrar-lhe no ouvido.

— E estou ainda mais louco para vê-la tirá-las. Uma a uma... Muito em breve...

Francine ergueu os belos olhos negros para encarar seu noivo.

— Prometo fazê-lo. Muitas vezes.

— E eu prometo aproveitar cada segundo, para sempre, por todos os anos do resto das nossas vidas.

— E eu também.



Fim

[1]*Funny é engraçado em inglês. Daí o trocadilho com o apelido da irmã de Matthew, Fanny.*

Agradeço a todos os leitores da série Libertinos, e a todos que se envolveram de alguma forma em sua produção, desde a concepção de cada título, capas, sinopses, e até as pesquisas feitas sobre hábitos, trajes, e expressões que pudessem ser usadas nas conversas entre protagonistas ou coadjuvantes.

Agradeço também todo o apoio que me foi dado em casa para a realização deste trabalho, pelos meus filhos Rafael e Carlos Gabriel, pela minha mãe, Helenicia, e especialmente pelo meu marido João Carlos, meu maior colaborador e incentivador.

Agradeço a atenção e carinho das Betas que passaram por estas histórias antes de todos: Andréa Bussolo, Samantha Dutra, Talita Oliveira, e Néli Rúbia; e todo o inestimável acréscimo que elas deram, enriquecendo as tramas com opiniões e sugestões sempre valorosas.

E para todos que nos acompanharam até aqui, eu e os Libertinos queremos dizer não *Adeus*, mas apenas...

Até breve!

Conheça toda a Série Libertinos:

Por Você

Somente Em Teus Braços

Ao Dispor Do Seu Amor

Arrebata-me!

Ouça Meu Coração

Um Natal Com Amor

Eu Fico Com Ela

SilvanaBarbosaAutora
silvana.barbosa.romancista
Silvana Barbosa – Autora de Romances